

## **ALESSANDRA MAWU DEFENDI OLIVEIRA**

Estudante de Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana na UNILA

### **Os custos sociais de gênero, raça, classe e sexualidade em uma pandemia**

---



Parece que a realidade que vivem as mulheres, essencialmente as trans, interpeladas por raça, etnia, sua condição economicamente desfavorável e sexualmente lida como anormal, foi nomeada de “quarentena” ou, para frisar melhor, “distanciamento social”. É de notar-se que a violência que essas mulheres sofrem continuam as mesmas, como a violência doméstica, a desigualdade salarial e de trabalho, a discriminação racial, social e sexual, dentre outras, que nos põem a pensar, os custos sociais de uma pandemia grave a qual assola o mundo inteiro, pelo COVID-19.

Da realidade a qual falo, enquanto parte das ciências sociais e como mulher transsexual pesquisadora e acadêmica, percebo que o sofrimento afetivo que todas nós, mulheres trans sofremos, vem somando a toda essa quarentena. Algumas, já que se tem a estimativa que mais de 90% da população trans brasileira está na prostituição, estão vivendo a exclusão de trabalhar, sem ter o apoio essencial e afetivo da família, sem dinheiro e com fome. E movimentos e redes solidárias de pessoas trans de toda América Latina e Caribe, unindo formas para mapear os sofrimentos sociais que essas pessoas sofrem, na cadeia colonial à qual estamos plasmadas de exclusão por parte do Estado e de políticas públicas voltadas para a nossa população. Aqui em Foz do Iguaçu, Paraná, por exemplo, ainda não existe um marcador analítico de pesquisa que possa mapear a situação de travestis e transsexuais em todos os contextos, para que assim seja possível entender essas demandas específicas da cidade, que, é importante salientar, está atravessada por uma fronteira trinacional.

A realidade de travestis e transsexuais já é de invisibilidade no contexto acadêmico - já que muitas delas não conseguem terminar e ter o acesso formal a educação -, onde a população trans representa apenas 1% do alunado, segundo dados do ANDIFES. Esses dados apresentados fazem pensar a situação dessas travestis acadêmicas, agora confinadas em suas residências devido à suspensão das aulas, perdendo seu último escape da solidão afetiva, que seriam os estudos. Os livros e as aulas como formas de afeto que não recebemos de parceiros, de amigas, família e nem de nossas semelhantes.

Além disso, me custa pensar como o Estado e as organizações mundiais relacionadas a saúde simplesmente ignoram as contribuições das ciências sociais, das humanidades e das artes nesse papel de pensar os custos da pandemia. O que nos faz pensar o caráter colonial que ainda nos assola, vendo América Latina e Caribe, África, Oceania e Ásia Meridional, olvidadas. Pensando a relação acirrada que o mundo está vivendo, é importante pensar o pós momento pandêmico, para tentar compreender uma nova rede de mudança que irá formar no mundo, para conseguir expandir as reflexões das ciências humanas, os custos sociais de gênero, raça, classe e sexualidade em uma pandemia, para combater as injustiças sociais que nos acometem sem ela.

**Hipatia (355 – 414 d.C.)**  
**Filósofa e científica grega.**

Representação  
Haymarket Theatre de Londres em 1893

